



Prefácio dos Organizadores

Schopenhauer leitor de Kant

Em comemoração aos duzentos anos de *Die Welt als Wille und Vorstellung*

O mundo como vontade e representação é considerada a obra magna de Schopenhauer. Publicado em 1818 (com data de 1819), o livro não causou de início grande impacto na cena acadêmica, talvez por sua temática (não era fácil defender, naquele momento, um princípio não-racional como essência do mundo) ou seu estilo um tanto literário para a época. Em 1844 a obra ganha uma segunda edição, com um segundo volume de suplementos ao texto de 1818 (que também é modificado em muitos trechos) e, por fim, uma terceira edição em 1859, também com alterações. Nesse intervalo de tempo, Schopenhauer publica em 1851 seus *Parerga e Paralipomena*, obra em dois volumes que renova e intensifica o interesse por sua filosofia.

Hoje, passados 200 anos da publicação daquela primeira edição de *O mundo...* já se consegue avaliar melhor o impacto que ela — e a filosofia de Schopenhauer — causaram. Heidegger, em *O que se chama pensar*, nos dá uma indicação disso: “‘O mundo é minha representação’. Nesta frase, Schopenhauer reuniu o pensamento da filosofia moderna. É preciso citar aqui Schopenhauer porque sua obra capital, *O mundo como vontade e representação*, desde sua aparição em 1818, marcou da maneira mais profunda tudo o que se pensou durante todos os séculos XIX e XX, mesmo onde ela não aparece nem imediata nem claramente, mesmo onde sua frase é combatida” (O que se chama pensar, trad. francesa, p. 41). Esse não é

um dos exageros de Heidegger: a obra de Schopenhauer exerceu influência marcante — ainda que nem sempre explícita — no debate filosófico. Podemos lembrar, nesse sentido, autores como Nietzsche, Horkheimer e o Wittgenstein do *Tractatus* como alguns nomes mais conhecidos de filósofos que se deixaram influenciar por suas ideias. Mas sua influência foi além da filosofia — Freud, Thomas Mann e nosso Machado de Assis dão outros exemplos da ressonância do seu pensamento.

Na cena universitária, os estudos sobre Schopenhauer também se intensificaram no século passado. Na Alemanha eles ganham força a partir de 1950, em torno do *Schopenhauer-Jahrbuch*; no Brasil eles começam a ganhar destaque a partir de 1990, com a publicação de *A outra face do nada*, de Muriel Maia e, sobretudo, de *Schopenhauer e a questão do dogmatismo* (1994), de Maria Lúcia Cacciola. Hoje, contamos com um número expressivo, em termos mundiais, de pesquisadores e estudiosos da obra de Schopenhauer — alguns dos quais presentes neste número comemorativo.

O mundo como vontade e representação tem uma série de temas bastante conhecidos dos leitores de Schopenhauer e que poderia servir de mote para a abordagem do livro. Por exemplo, o seu conhecido pessimismo, que tanta influência exerceu e ainda exerce; suas considerações sobre a moral, centrais no seu percurso; o seu — segundo Schopenhauer — platonismo; ou ainda sua relação com os Vedas e o pensamento oriental. Neste volume da *Revista Aurora* a abordagem privilegiada será a do debate com a filosofia kantiana. A necessidade de familiaridade com ela é explicitada por Schopenhauer ao leitor nos prefácios de 1818 e 1844 a *O mundo...* que, por sua vez conta, desde a primeira edição, com um apêndice intitulado *Crítica à filosofia kantiana*, onde se atesta ao leitor a importância deste referencial para o livro e para toda a filosofia de Schopenhauer, o que pode ser verificado em outros de seus textos.

O leitor encontrará, neste número de *Aurora*, artigos de especialistas brasileiros e estrangeiros sobre as relações entre Schopenhauer e Kant. Assim, o volume se inicia com uma questão fundamental feita por Maria Lucia Cacciola, que já no título de seu texto pergunta: *Schopenhauer é um verdadeiro discípulo de Kant?*, indagação que, segundo ela, “nos leva ao cerne do projeto crítico e a seu desenvolvimento nas filosofias depois de Kant, a saber, no chamado idealismo alemão” e nos conduz também

ao modo como Schopenhauer encarava esse projeto kantiano, a partir do qual empreendeu seu próprio projeto filosófico. Maria Lucia Cacciola é presença fundamental nesta publicação comemorativa, não só por seu pioneirismo e importância, que devem sempre ser lembrados, na constituição e consolidação da pesquisa sobre Schopenhauer no Brasil, mas, sobretudo, por sua abordagem teórica da obra de Schopenhauer, que privilegia a sua relação com Kant e o pós-kantismo. A riqueza desse Dossiê *Schopenhauer leitor de Kant* está justamente no esclarecimento de inúmeros aspectos dessa relação, que, simultaneamente acolhe Kant, que solicita passagem como filósofo absolutamente fundamental para a filosofia schopenhaueriana, mas que, por outro lado, desde o começo, recebe pesadas críticas de seu autoproclamado príncipe herdeiro.

Dois outros grandes pesquisadores mundiais presentes neste Dossiê abordam a relação com Kant já a partir de seus primórdios, nos escritos do jovem Schopenhauer, apontando as suas inflexões, modificações, reinterpretações, recusas e acréscimos, evidenciando também a coerência interna ao seu pensamento ao longo do tempo. São eles Matthias Koßler e Yasuo Kamata. Matthias Koßler nos traz um texto chamado “*Um absurdo audacioso*”, *Intuição e conceito na crítica de Schopenhauer a Kant*, no qual aborda a crítica de Schopenhauer ao *Esquematismo Transcendental*, que precisa ser compreendida primeiramente como uma modificação no uso dos termos da linguagem kantiana, isto é, segundo o autor “é importante não separar a crítica do conteúdo da crítica acerca da terminologia”. Com isso, conclui Koßler, todos os conceitos essenciais que Schopenhauer assumiu a partir de Kant tiveram um “significado completamente diferente” para o filósofo de Frankfurt. Já Yasuo Kamata traz à nossa reflexão o texto intitulado *A recepção de Kant pelo Jovem Schopenhauer em A Quádrupla Raiz do Princípio de Razão Suficiente*, no qual o autor parte das primeiras reflexões de Schopenhauer acerca da filosofia kantiana para encontrar a formação dos pensamentos fundamentais da filosofia schopenhaueriana desde os seus primórdios em torno do problema da consciência, do uso da terminologia kantiana e suas modificações, que tinham a intenção simultaneamente de preservar o essencial da filosofia de Kant, purificando-a daquilo que supunha serem as suas dificuldades

e contradições. Outro texto em destaque se intitula *Do Unbedingte de Kant ao Wille de Schopenhauer: da ausência de uma condição formal à falta de razão suficiente*, de Fabio Ciraci, no qual o autor aborda o relacionamento conceitual e histórico-genético que une a definição de Unbedingte de Kant, como negação do condicionado, ao Wille de Schopenhauer, como uma negação do princípio da razão, bem como a importância de Reinhold como mediador entre os filósofos, no que concerne especialmente à dedução de predicados negativos da coisa em si mesma e à oposição entre a coisa em si e o pensamento.

A partir desses quatro textos fundamentais que iniciam o Dossiê *Schopenhauer Leitor de Kant*, temos também outras importantes contribuições dos pesquisadores Yukiko Hayashi, Flamarion Caldeira Ramos, Leandro Chevitarese, Ana Carolina Soliva Soria, Roberto de A. P. Barros, Katia Santos, William Mattioli, Eli Wagner Francisco Rodrigues e Dax Moraes. O conjunto dos textos forma uma importante base para os estudos schopenhauerianos contemporâneos a partir de variadas perspectivas, que somam com os anteriormente mencionados, formando um complexo painel sobre a relação fundamental de Schopenhauer com a filosofia crítica de Kant. Esperamos que os leitores apreciem a leitura e possam, a partir dos textos, formar uma imagem suficientemente adequada dos problemas kantianos no íntimo da filosofia de Schopenhauer, e dos modos através dos quais se desdobram outras questões correlatas e instigantes para a pesquisa futura no Brasil e no mundo.

Eduardo Brandão e Eduardo Ribeiro da Fonseca
Organizadores